

Famílias Homoafetivas: A Insistência Em Ser Feliz¹

Lícia Lara Dantas Barros²³

Céres SANTOS⁴

Universidade do Estado da Bahia (Uneb), Juazeiro, BA

RESUMO

Entre relatos e perfis biográficos, o livro-reportagem “Famílias Homoafetivas: a insistência em ser feliz” narra histórias de 20 mulheres, de diferentes partes do Brasil, que formaram famílias homoafetivas com filhos. Através de uma narrativa romanesca, em que se alia a reportagem aos traços estilísticos da ficção, o livro apresenta vivências que perpassam diversos temas, trazidos a partir da trajetória de cada personagem. As dificuldades na aceitação pessoal e familiar da homossexualidade, situações de preconceito, bem como conquistas e lutas preenchem os perfis dessas mulheres que formaram suas famílias, superando obstáculos, insistindo na felicidade e igualdade.

PALAVRAS-CHAVE: família homoafetiva; homossexualidade; mulher; livro-reportagem; perfil

1 INTRODUÇÃO

“Famílias homoafetivas” apresenta histórias de 13 famílias homoafetivas formadas por mulheres e filhos advindos dessas ou de outras uniões. O livro tem como principal aspecto, seja em sua contribuição acadêmica ou social, mostrar as realidades enfrentadas no decorrer da descoberta da homossexualidade, das relações familiares e institucionais, até chegar na constituição da chamada família homoafetiva e todas as demandas, conquistas e situações que perpassam essa composição familiar.

Para tornar esse livro possível, foram realizadas entrevistas em oito cidades: Petrolina-PE, Olinda-PE, Salgueiro-PE, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP, Águas da Prata-SP, Belo Horizonte-MG e Brasília-DF. Esses municípios, que compõem as 265 páginas do livro, foram escolhidos a partir de uma enquete em uma comunidade virtual que reúne famílias homoafetivas de diversos lugares do país, onde foi possível perceber em que

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

² Aluna líder e recém-graduada em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios pela Universidade do Estado da Bahia, e-mail: licialara@gmail.com.

³ A aluna optou por usar o pseudônimo de *Lícia Loltran* no livro.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios da Universidade do Estado da Bahia, e-mail: ceresantos3@gmail.com.

estados residiam as participantes daquele grupo. No entanto, no decorrer da pesquisa, as entrevistas ocorreram nos lugares em que se tornou possível o contato com essas mulheres e onde foi permitido, devido à distância geográfica, chegar.

O livro-reportagem permite uma visão mais ampla sobre a temática, de modo que as 20 mulheres entrevistadas, das 13 famílias, possuem experiências distintas, não só na vivência pessoal, não só na cidade/estado onde vivem, mas também nas relações institucionais de cada local, os quais as histórias foram/são vividas a partir do contexto pessoal de cada uma delas.

Essa escolha possibilita ao livro um panorama mais rico em experiências e torna mais viva a trajetória de narrar a história de cada uma dessas diferentes mulheres e suas famílias. Assim, a narrativa foi construída priorizando os aspectos descritivos das cenas, de forma a permitir ao leitor sentir-se em cada local descrito, presenciando o cenário em que ocorreram as entrevistas, conhecendo o perfil de cada mulher para, então, mergulhar na sua história de vida e, quem sabe, refletir sobre diversas situações que ocorreram e ocorrem na vida delas e de seus familiares.

“Famílias Homoafetivas: a insistência em ser feliz” não é um livro-reportagem para um público específico. Ele se destina a contar, com a maior descrição no relato permitida no livro-reportagem (LIMA, 2004), de maneira instigante e reflexiva, as histórias dessas mulheres para qualquer público, buscando aliar rostos, ambientes, características e identidades à conceitos e pré-conceitos constituídos a partir de denominações ou diversos tipos de concepções que mistificam e tornam a homoafetividade um tema ainda tão discutido na sociedade em que vivemos.

Segundo o Censo 2010⁵ do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), são 53,8% as famílias homoafetivas formadas a partir da união entre duas mulheres. Diante desse cenário, esse livro-reportagem apresenta uma amostra de quem são essas famílias, como elas se formaram, como vivem, e tudo isto a partir da construção do perfil de cada uma das 20 mulheres entrevistadas.

Da recepção calorosa a uma jornalista iniciante, ao relato animado e detalhado, à vontade de morar em uma capital para viver livremente sua sexualidade, ao desejo de engravidar de um filho de sua esposa, ao abraço compreensivo de uma mãe em sua filha que acaba de assumir sua preferência afetivo/sexual, à uma criança exclamando que não

⁵ 1 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514657-censo-retrata-um-novo-perfil-da-familia-brasileira>>.

tem pai, e sim, duas mães, à um processo de adoção cercado de receio e com final feliz, são alguns dos quadros visualizados nas narrativas apresentadas nesse livro-reportagem.

2 OBJETIVO

O livro-reportagem “Famílias Homoafetivas: a insistência em ser feliz” foi elaborado com o objetivo de traçar o perfil de 13 famílias homoafetivas de mulheres com filhos, dando visibilidade às peculiaridades desse formato de união, assim como os percursos individuais de cada mulher entrevistada até a constituição de sua família. O livro revela o olhar social sobre as composições familiares nas mais variadas esferas, como escolas, hospitais, órgãos judiciários, vizinhança e demais membros da família.

A escolha pelo tema famílias homoafetivas teve como intuito conhecer os modelos das famílias formadas a partir de uma relação homoafetiva em suas diferentes cores, regiões, credos, classes sociais e características semelhantes ou distintas às demais espécies de formações familiares presentes em nossa sociedade, buscando desfazer imaginários distorcidos ou mesmo inimagináveis sobre as constituições familiares homoafetivas.

No ano de 2000, a jurista Maria Berenice Dias, em sua obra “União Homoafetiva: o preconceito e a justiça”, explicou que diversas decisões haviam sido dadas na concessão da adoção por casais formados por pessoas do mesmo sexo. No entanto, nesse período, os magistrados concediam a adoção a um dos integrantes do casal, não existindo explicação da composição familiar que aquela criança passaria a formar, a criança/adolescente chegava a um lar em que seria acolhido e amado por duas pessoas, mas em seu registro só teria o nome de uma delas e, conseqüentemente, os direitos inerentes à filiação de uma delas.

Hoje, no ano de 2015, o panorama mudou. Diversas decisões jurisprudenciais pelo país permitiram que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidisse em favor dos homossexuais e permitisse o casamento civil igualitário, a união estável entre pessoas do mesmo sexo e, mais recentemente, a adoção por casais homoafetivos. Essas e outras conquistas que ainda estão por vir, como a recepção constitucional da formação familiar não apenas composta por homem e mulher, foram e são objetivos do livro-reportagem aqui apresentado.

Apresentar histórias de populações que requisitam por vezes que busquem seus direitos permite construir um panorama mais representativo, de modo que seja possível um Estado igual em direitos e deveres para todos. Esse é principal objetivo desse trabalho: colaborar na construção de um país mais justo, igualitário, no qual ninguém seja impedido

de sonhar e amar, sendo resguardado em seus direitos e, principalmente, reconhecido como o que realmente é, sem precisar esconder, ter vergonha, medo, ou viver lutando em prol do reconhecimento de sua identidade, união ou família.

3 JUSTIFICATIVA

Entender como é ser mulher, homossexual e mãe são percepções que circundam “Famílias Homoafetivas”, uma vez que ainda vivemos em uma sociedade, que tem como modelo de família ideal uma relação sacralizada, constituída por mãe (mulher), pai (homem) e filho(s).

Qualquer outro exemplo, que não siga esse padrão pré-concebido historicamente, é ainda, considerado, por grande parte da sociedade, como estranho ou não natural, sendo até questionado o reflexo que novas concepções familiares poderão causar no futuro de filhos criados por famílias homoafetivas.

Sobre isso, diversos estudos têm sido feitos com a justificativa de entender quais as consequências da criação de filhos por casais homossexuais. Alguns deles, com resultados negativos, são, costumeiramente, utilizados para ‘atacar’ as populações LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Intersexos) pelo mundo. Já outros, com aspectos positivos, costumam integrar-se aos movimentos em prol da igualdade de direitos entre pessoas que se relacionam afetivo/sexualmente com outras do mesmo sexo biológico.

Esse livro-reportagem mostra essas histórias, de como mulheres assumiram seus amores por alguém do mesmo sexo e resolveram romper o ‘muro’ social e constituir sua família com filhos. Indo além do conceito da chamada ‘família convencional’, que é definida pela Constituição Federal do Brasil como composta apenas pela união homem-mulher.

Temas como homossexualidade, dupla maternidade, adoção por família homoafetiva, relação da sociedade perante constituições familiares com duas mães, situações advindas de quando uma pessoa não representa o ‘padrão’ esperado delas. Esses são temas discutidos cotidianamente e vivenciados por diversas pessoas pelo Brasil afora, estas que necessitam de representatividade e que suas histórias sejam contadas, lidas, discutidas, para que seja possível construir visões mais naturais sobre essas temáticas, de forma que diversos traumas sejam evitados e que as oportunidades não sejam definidas por quem você ama, mas sim, pelo seu caráter, sua história. História essa apresentada através

desse livro-reportagem e que pode contribuir, mesmo que timidamente, para uma nova era, a era em que as pessoas não precisem insistir em ser felizes, mas apenas ser.

Apesar de existirem inúmeros livros-reportagem, dentro das obras jornalísticas mais conhecidas ou até medianamente conhecidas, são raras as narrativas que trazem personagens homossexuais fora de algum estereótipo ou situação específica. Mesmo a grande mídia pautando o tema cada vez com mais frequência, o jornalismo diário não dá conta de entrar nessas histórias e apenas o superficial é mostrado, seja em conquistas, casos de homofobia ou alguma outra consideração sobre o assunto. Diferentemente, o livro-reportagem permite entrar, quase que literalmente, dentro da vida dessas pessoas e tentar entender suas individualidades como ser humano.

Um livro-reportagem sobre famílias homoafetivas em uma época em que legisladores ainda tentam aprovar um Estatuto da Família, o qual considera família somente formações familiares entre um homem e uma mulher e que a homofobia ainda não é considerada crime, percebe-se ainda mais a relevância desse trabalho. Se essas famílias não aparecerem, forem mostradas, o país poderá sofrer grandes consequências dessa invisibilidade, como a perda de direitos já conquistados e a inconcebível consideração apenas de um tipo de formação familiar. Essas decisões podem afetar diversos setores sociais, não só a família homoafetiva.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Mais do que relatar um fato, o jornalismo se propõe a contar histórias. Com elas, as particularidades de cada sujeito, entendendo seus entrevistados ou perfilados de forma a compreender além das palavras, captando também movimentos, trejeitos e cenários.

Com o objetivo de entender essas particularidades de cada uma das mulheres que estão presentes no livro-reportagem, as entrevistas foram direcionadas de forma dialógica, mesmo partindo de perguntas pré-elaboradas em um questionário. Esse modelo de entrevista foi escolhido por possibilitar a adoção de uma “postura de abertura e desconhecimento frente ao objeto de estudo”, deixando de lado hipóteses prévias, e possibilitando também captar o que foi visto, ouvido e demonstrado na entrevista, buscando compreender as experiências com atenção e curiosidade, tendo como objetivo a identificação, a descrição e análise dessas experiências (CHIZZOTTI, 1991, p. 44).

A técnica da entrevista e o diálogo se mostram de suma importância na elaboração de um livro-reportagem. “Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista,

discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se a um diálogo” (MEDINA, 1986, p. 5).

As narrativas desse livro possuem uma estrutura cronológica. No início, em primeira pessoa, é relatada a trajetória da autora para chegar àquele momento e como foi o encontro com cada uma das mulheres. Depois, a narrativa se dá em terceira pessoa e busca descrever o percurso de vida das mulheres ali perfiladas. Esse estilo de narrativa aproxima a jornalista/aluna dos leitores, assim como fez o jornalista Ryszard Kapuściński na obra “Minhas viagens com Heródoto”. Tal aproximação entre jornalista-leitor também compreende um conceito jornalístico, em que o repórter funciona como artífice da notícia, assim como delimita Marcelo Canellas (2008), mas também narra e descreve sua percepção da cena e do ambiente.

Essa construção de narrativa é permitida pelo suporte adotado, uma vez que o livro-reportagem-perfil possibilita ao jornalista integrar o texto, narrando os fatos como os vê, mas também construindo a história a partir do que foi colhido e pesquisado, sem sua intervenção direta. “Família Homoafetivas: a insistência em ser feliz” utiliza as duas técnicas na montagem dos capítulos, aliando a descrição dos perfis através do relato em primeira pessoa, o que Oswaldo Coimbra (1993) denomina e caracteriza como narrador protagonista, que tem a tarefa de narrar, ouvir, perceber e editar o acontecimento, sendo ele, muitas vezes, o próprio acontecimento. Aliado ao que o autor denomina de narrador onisciente em terceira pessoa e o modo dramático, também em terceira pessoa. Essa estrutura alia diferentes narrativas em uma mesma história, aproxima o leitor das entrevistadas e, ao mesmo tempo, estimula a percepção e reflexão. Dessa forma, esse livro-reportagem pretende estar inserido na máxima que caracteriza o gênero romance-reportagem: “a força política do jornalismo com a força poética da literatura” (COSSON, 2002, p. 70).

Assim, as narrativas possuem uma ordem cronológica, a partir do início do relato em terceira pessoa, mas não deixam de conter trechos, em que é demonstrado que se trata de um livro-reportagem e não de uma narrativa ficcional. Em passagens rápidas, algumas histórias ‘pausam’ a narrativa cronológica para descrever o momento em que aquele fragmento foi reportado. A seguir, um exemplo:

“Durante a entrevista, Maria Luiza me contou que amava muito sua família, que tinha um irmão e uma irmã e também um namoradinho, chamado Leonardo. Além disso, ela fez esse desenho em meu bloco de anotações (LOLTRAN, 2015, p. 54)”.

Como já mencionado no corpo deste *paper*, esse livro-reportagem tem como objetivo não só relatar e perfilar a vida de 20 mulheres, mas também conseguir dar visibilidade e atenção a uma parcela da população, que possui uma trajetória de lutas, conquistas e ainda muitos déficits sociais, os quais podem ser superados com a abertura dessas histórias, ao expor que elas existem e necessitam de proteção e direitos iguais. Nesse livro, não se discute, nem se julga, se determinada atitude foi ou não justa, se o desespero de uma mãe ao descobrir a identidade afetivo/sexual da filha era correto, mas sim narra esses episódios, a fim de que essas histórias deem contribuições sociais, jurídicas e pessoais. Mostrando que os avanços existem com o decorrer dos anos, mas que muito ainda precisa ser feito para se falar em isonomia ou liberdade.

Ademais, assim como conceituou Lidia Weber (2014)⁶, “família é um compromisso mútuo, a longo prazo e recheado de afeto”. De nenhuma forma, pode-se determinar que esse compromisso não possa ser firmado por dois homens, duas mulheres ou quem mais desejar.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Antes de iniciar o relato de como foi o processo para a composição do livro-reportagem aqui apresentado, salienta-se que 10 das famílias entrevistadas tiveram seu contato possível através das comunidades virtuais.

Essa possibilidade de comunicação através de um meio digital foi utilizada nesse trabalho, com vistas a alcançar essas memórias e informações de forma dinâmica, organizada e não limitada geograficamente, sendo isso permitido por meio de uma plataforma virtual. Entretanto, dentro do ciberespaço existem inúmeras plataformas e possibilidades de formação de grupos virtuais. Segundo Rheingold (1994), define-se comunidade virtual agregações sociais que nascem na ‘Rede’, essa que se define como “estruturas abertas capazes de se expandir de forma ilimitada” (CASTELLS, 1999, p. 183).

Assim, essa comunhão temática possibilitada pelo contato virtual fez parte do primeiro momento, do conhecimento de quem eram essas famílias. No entanto, todas as entrevistas foram realizadas pessoalmente, no decorrer do ano de 2014.

O roteiro das entrevistas desse livro-reportagem foi traçado a partir da conveniência financeira e temporal do período. As três primeiras entrevistas foram realizadas durante

⁶ Em entrevista ao programa Gente.com. Exibido no dia 17/07/2014.

uma viagem à Brasília e participação em uma audiência pública sobre Novas Constituições Familiares⁷ no Senado Federal, a qual me permitiu abrir os horizontes a respeito da temática, como também conhecer diversas pessoas envolvidas com a busca por direitos para os LGBTIs. A segunda viagem ocorreu no mês de abril de 2014, quando foi entrevistada uma família em Olinda-PE. A terceira viagem, em julho e agosto de 2014, possibilitou a realização das entrevistas nas cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Águas da Prata-SP. Nos meses de setembro e outubro do mesmo ano, foram feitas duas entrevistas na cidade de Petrolina-PE, e em novembro de 2014, a última entrevista na cidade de Salgueiro-PE.

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, variando o dia, hora e local de cada uma delas. Das 13 famílias que estão no livro, 14 entrevistas foram presenciais, visto que uma das famílias foi entrevistada duas vezes, em locais e ocasiões distintas. Sendo assim, sete entrevistas foram realizadas na casa dessas famílias, três em seus locais de trabalho e quatro em lugares aleatórios, como *shoppings* e restaurantes/cafés. Isso possibilita à narrativa, em grande parte das entrevistas, descrever mais detalhadamente o cotidiano dessas famílias, seja em casa ou no lugar onde seus integrantes trabalham.

Após a realização das 13 entrevistas, os próximos passos passaram pelas seguintes etapas: 1 – transcrição das entrevistas; 2 – leitura/escuta intercaladas, prestando atenção nas características dos discursos; e 3 – após apreendidas as duas primeiras etapas, a volta ao objetivo da pesquisa e clara definição do objeto de representação (REIS; BELLINI, 2011).

A pesquisa culminou com a produção de um livro-reportagem, por esse ser o gênero jornalístico, assim como considera Edvaldo Lima (1998), que estende o conteúdo do jornalismo contemporâneo, aumentando os horizontes para além da grande reportagem da imprensa convencional. Desse modo, o produto livro-reportagem tem espaço e sutileza para abarcar histórias em seus mais delicados detalhes, conseguindo transportar o leitor para o momento exato em que ocorreu o acontecimento reportado.

O livro-reportagem “Famílias Homoafetivas: a insistência em ser feliz” tem 265 páginas, divididas em 14 capítulos, com prefácio escrito pela jornalista e também entrevistada, Marília Serra, e texto da orelha confeccionado pela professora Céres Santos, orientadora desse trabalho. No decorrer das histórias, 13 ilustrações, de Phablo Freire, estão presentes na primeira página de cada uma delas. O livro contém texto, ilustrações, uma imagem e um álbum de fotos. Sobre isso, como expõe Ricardo Azevedo (1998), coloco o leitor

⁷ Disponível em: <<http://www12.senado.gov.br/ecidadania/visualizacaoaudiencia?id=1341>>.

sobre a interferência de diferentes elementos imagéticos. Quanto à ilustração, esta exige também interpretação e, logo, produz imaginação e informação, que serão acrescentadas imediatamente ao texto. Essa percepção de leitura que o livro traz, remete ao som de um instrumento musical, o qual se apresenta sozinho, mas também pode compor uma banda ou orquestra. Os sons não serão os mesmos, mas a música será transmitida nos dois casos, cada uma à sua maneira.

As fotos foram selecionadas a partir da disponibilidade das entrevistadas, uma vez que nem todas permitiram que seus nomes e fotografias fossem expostos, como também da intenção de dar rostos para aquelas mulheres, mas fazendo isso apenas ao final do livro, sem interferir na imaginação decorrente do texto e das ilustrações.

6 CONSIDERAÇÕES

Além das contribuições que esse livro-reportagem almeja alcançar, ele também quer que suas histórias sirvam de inspiração para tantos homossexuais que, muitas vezes, deixam de acreditar ou sonhar em formar uma família, com ou sem filhos, por acreditar não ser possível, desejável, difícil ou mesmo inconcebível. As histórias dessas 20 mulheres dizem o contrário. Mostram dificuldades sim, mas também conquistas, alegrias e superações que elas passaram e passam no decorrer da vida. Elas estão fazendo história a partir do momento em que transgridem o modelo familiar a elas imposto socialmente e permitem que suas narrativas sejam passadas adiante, a fim de buscar novas conquistas e de que novas histórias sejam escritas.

No percurso da pesquisa para se chegar ao produto final, foram inúmeras as dificuldades e surpresas. Percorrer diversas cidades do Brasil para conseguir que as narrativas tivessem humanidade e personalidade própria pareceu arriscado, porém instigante. Apesar de algumas entrevistas canceladas ‘em cima da hora’, a maioria delas ocorreu melhor do que havia sido planejada, como a possibilidade de encontros mais longos, que duraram dias, deixando a narrativa mais robusta e rica.

Dessa maneira, acredito que “Famílias Homoafetivas: a insistência em ser feliz” cumpre o objetivo de traçar perfis humanizados e de perfilar não só a formação familiar, mas também o percurso individual de cada uma dessas mulheres antes de chegar à composição de hoje, fazendo isso através do texto possibilitado pelo livro-reportagem.

Como produto jornalístico, esse livro precisa contribuir socialmente, tanto para a sociedade em geral como para a própria classe de jornalistas, que, muitas vezes, deixam a

barreira do pessoal ser ultrapassada por discursos preconceituosos, os quais, geralmente, são expostos abertamente em veículos midiáticos. Eis que em seu art. 9º, d, o Código de Ética do jornalista diz que “é dever do jornalista: valorizar, honrar e dignificar a profissão”. Apenas a igualdade e a liberdade permitem que esse quesito seja cumprido pelos profissionais do jornalismo, e, por isso, tem esse trabalho o objetivo de que as famílias homoafetivas possam usufruir da liberdade e igualdade que deve ser dedicada a todos os tipos de formações familiares perante os diversos setores da sociedade, inclusive na cobertura jornalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. In: SERRA, Elizabeth D’Angelo (Org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**. Algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

CANELLAS, Marcelo. **Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia**. In: CANELA, Guilherme (Org.). Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. Um curso sobre a sua estrutura. São Paulo: Ática, 1993.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora UnB, 2001.

DIAS, Maria Berenice. **União homoafetiva: o preconceito e a justiça**. 3. ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. **Minhas Viagens com Heródoto**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é o livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2ª Ed. 2004.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

REIS, Sebastiana Lindaura de Arruda; BELLINI, Marta. **Representações sociais: teoria, procedimentos metodológicos e educação ambiental**. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*. Maringá, v. 33, n. 2, p. 149-159, 2011.